

CATOLICISMO POPULAR ATRAVÉS DA REPRESENTAÇÃO MÍSTICA/MÍTICA DE JOANA D'ARC

Edineide Dias de AQUINO
Historiadora – UEPB
Especialista em Literatura e Cultura Afro-brasileira - UEPB
E-mail: rosaazul9@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo propõe analisar a manifestação do catolicismo popular, no período da Idade Média, precisamente na “Baixa Idade Média” (séc. XIV-XVI) que compreende em seu primeiro século, muitas crises demográficas, econômicas, guerras territoriais e centralização monárquica. Hilário Franco Junior apresenta a Idade Média como aquela que gera em seu ventre “os novos tempos”, como ele mesmo diz: “o parto daqueles novos tempos, a modernidade”. (FRANCO, 2001, p.14). Um dos elementos mais presentes no medievo é a religiosidade (doutrina cristã católica), contudo a massa popular encontra um outro meio através do catolicismo popular para driblar as rígidas regras da Igreja Católica que priorizava os membros do poder público. Para estudar esta manifestação popular recortamos um contexto, a “Guerra dos Cem Anos (1337-1453)”, onde encontramos uma série de conflitos territoriais. Além de um ar de mistério envolto na figura mística/mítica de Joana D’arc. Dentre tantos estudiosos destacamos, Jônatas Batista Neto (1989), Hilário Franco Júnior (1996), , Johan Huizinga (1996), José Rivair Macedo (1999), entre tantos outros referenciados ao longo do texto.

Palavras-Chave: Narrativa histórica. Joana D’arc. Catolicismo Popular.

“A experiência religiosa é assim desde o início uma experiência de construção do mundo. O sagrado constitui, para o homem religioso, o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência.” (1)

Pretende-se focar a imagem representativa de Joana D’Arc através de uma dimensão mística e mítica, onde a construção do mundo como “realidade” manifesta-se em torno da religiosidade. Contudo, entender esta época e os vários eventos históricos decorrentes deste contexto, “Baixa Idade Média” (XIV-VXI)”, gera grandes conflitos.

Os franceses tinham Joana como um símbolo da França e como realização da vontade divina. Esta imagem idealizada pela população francesa, ganhou força graças a uma profecia popular “O reino seria entregue aos inimigos por causa de uma mulher e libertado por uma virgem” (2)

É importante destacar que com relação à profecia, tanto os filmes quanto as obras de Macedo (3) e Veríssimo (4) mencionam este fato como ponto de partida que popularizou a “Donzela de Orléans”, repercutido por sua vez na nacionalização dos franceses (numa unidade fraternal).

Segundo Veríssimo (5), que faz uma breve explanação biográfica de Joana D’Arc, diz ela ser filha de Jacques D’Arc e Isabel. Nasceu na noite de 6 de janeiro de 1412 no período da “Epifania do senhor” (nascimento de Jesus), na vila de Domremy em Lorena. A vida religiosa desta camponesa foi cercada de anjos, santos e em especial pela influência mística de Santa Catarina, Santa Margarida e São Miguel Arcanjo.

Confirmando-se estes dados, Macedo (6) destaca as palavras de Régine Pernoud, quando ela diz que Joana nasceu em Domremy em 6 de janeiro de 1412 e foi uma pessoa do povo que desde a “infância teve ‘visões’ místicas que lhe anunciaram a vontade divina: libertar a França do jugo inglês”.

Joana era pobre, analfabeta e com 17 anos decide salvar a França dos ingleses. “Guiada pelas vozes de Santa Catarina, Santa margarida e São Miguel que ela dizia ouvir desde os 13 anos” (7).

Segundo Macedo (8) a virgem era estimulada pela missão para a qual foi designada, então procurou o chefe militar da região onde nasceu, “Robert Baudricourt”, pedindo-lhe que a levasse à presença do Delfim. Batista Neto ainda coloca que a fortaleza de Vaucouleurs fica localizada na Champanha oriental, numa área próxima de Lorena.

A 6 de março de 1429 um pequeno grupo de cavaleiros fazia a sua entrada em Chinon. Entre eles achava-se (...) Joana D’Arc, que ia pedir audiência ao delfim. Quando, após três dias de espera, esta audiência lhe foi concedida, e ela disse ao rei que tinha sido enviada por Deus, rei do céu, para libertar Orléans, fazer coroar o delfim e expulsar os ingleses da França. Pediu-lhe imediatamente, que lhe desse um exército com o qual logo partiria em socorro de Orléans. (9)

Joana foi atendida em sua solicitação, pois Delfim almejava a coroa francesa. Assim utilizou-se da fé popular para incentivar o exército já deficitário, e para conseguir a adesão de camponeses na luta contra os ingleses a fim de libertar e unificar o território francês.

Mas antes de Joana assumir o exército, foi exigido que ela fizesse um teste.

Então Joana foi submetida ao teste de virgindade para afastar a suspeita de que fosse uma feiticeira. Imagina-se, no século XV (bem como nos séculos subseqüentes), que as bruxas nunca eram virgens porque deviam manter relações sexuais com o demônio, durante os sabás. (10)

Depois desde teste, segundo as crenças e justificativas da Igreja, foi comprovada a legitimação divina da “missão” de Joana. A partir daí podemos fazer o seguinte questionamento: Se Joana comprovou que não era bruxa, então como poderia ter sido condenada como bruxa e herege?

Como se verifica na historiografia um dos grandes feitos que consagrou Joana como a “Donzela de Orléans” foi o fato que se deu em 29 de abril de 1429, quando Joana chegou “à cidade (..) carregando um estandarte branco com uma figura de Deus ladeada por dois anjos, ela viu as tropas protagonizarem um ataque sangrento. No dia 8 de maio, 4 mil dos cerca de 5 mil ingleses jaziam aniquilados” (11).

Este episódio relata a finalização do cerco de Orléans, e, por sua vez, esta vitória decidiu que rumo e quem iriam assumir o trono francês, já que o cerco de Orléans era um dos últimos obstáculos para que Delfim chegasse à Reims e fosse coroado rei da França.

Após tantas proezas Joana estava na etapa final de sua missão, conduzir Delfim até Reims para coroá-lo e sagra-lo Rei da França. “Mas no dia 25 de maio de 1430, durante o assédio de Compiègne, Joana foi aprisionada pelos borguinhões e entregue aos ingleses. Em 1431 foi julgada pela inquisição de Ruão” (12).

Este historiador ainda acrescenta que o julgamento correu no dia 9 de janeiro do ano citado acima presidido por Pierre Cauchon. “O processo teve ao mesmo tempo caráter religioso e político. Religioso, porque procurou examinar os fundamentos da fé de Joana, acusada além de heresia, de bruxaria. Político, porque a condenação ou absolvição teria peso considerável no resultado do conflito franco-inglês” (13), pois se ela fosse considerada culpada Carlos VII seria acusado de recorrer à magia negra para vencer a guerra.

Então, porque Carlos VII não se mobilizou para resgatar Joana? Se a principio toda população francesa estava disposta a arrecadar grandes quantias para pagar sua liberdade? Por que se ele interviesse, os ingleses iriam pressionar a Igreja para que Carlos VII fosse submetido a Santa Inquisição por ter recorrido à “magia negra”, sendo acusado de heresia e julgado como herege.

Apesar do risco, permitiu que o exército agisse livremente, pois ele estava munido da condição real que o protegia.

Mesmo fragmentada por questões regionais, a Igreja tinha um único propósito, reunir cada vez mais possessões territoriais e poder através da coroa e de seus respectivos monarcas, pois não interessaria a mesma fragilizar ou criar qualquer conflito, já que o fim da guerra beneficiaria os dois monarcas e a Igreja através de acordos diplomáticos.

Segundo Gordon *apud* Tavares (14), a guerreira foi acusada de heresia, relapsa a idolatria e condenada a morrer na fogueira. No dia 30 de maio de 1431 caminhou acorrentada até uma praça no centro de Ruão, então sucumbiu a sua condenação. “Os restos mortais foram queimados e as cinzas atiradas ao rio Sena para impedir o culto. Mas o mito de Joana só aumentou”. (cf. 14).

Mas de acordo com Batista (1989), Joana foi reabilitada pela igreja em 1456 vinte e cinco anos após a sua morte, ela foi inserida na comunidade cristã, isto se deu graças a um processo aberto pela família dela. O veredicto de readmissão foi proferido na Catedral de Ruão pelo arcebispo de Reims João Juvenel des Ursins. O documento foi elaborado pela comissão papal e está parcialmente reproduzido abaixo.

Dizemos, pronunciamos, decretamos e declaramos o dito julgamento e sentença como contaminados por fraudes, calúnias, iniquidade, contradições e erro manifestos de fato e de lei, e juntamente com a abjuração, a execução e todas as suas conseqüências, como nulas, sem valor e sem efeito, devendo ser anuladas [...] Proclamamos que Joana [...] não contraiu mancha alguma de infâmia e que ela deve ser e está totalmente limpa disto [...]. (15)

Tendo em vista estas considerações, é importante salientar que, entre os três fundamentos da Idade Média indicados por Franco (16), ressalta-se aqui o cristianismo como fundamento que, nesta análise, torna-se tão importante, para a compreensão da mentalidade medieval. Ademais é notória a manifestação cristã no seio dos medievos, que por sua vez, gerou um outro seguimento cristão diferente do oficial. Não se trata necessariamente de heresia, mas sim de uma religiosidade extra-oficial “permitida” pela Igreja, o catolicismo popular.

O termo “Catolicismo popular” no ponto de vista científico, não é rigorosamente apropriado, mas facilita nossa compreensão. No caso este tende a abranger um catolicismo vivido pelos mais humildes em geral.

As clivagens que se estabeleceram no seio da Igreja fizeram do apanágio dos clérigos e dos monges, únicos que tinham a possibilidade de dedicar-se à oração, à recitação de salmos e à leitura das Sagradas Escrituras, [...]. Mas as massas não tinham acesso a esses textos e se contentavam com algumas práticas religiosas, no contexto de uma vida que não era religiosa: abster-se de relações conjugais nos tempos prescritos, jejuar na quaresma, assistir à missa dominical e pagar o dízimo. Percebe-se que o desejo do divino que podia existir neles não ficava satisfeito com esse programa de perspectivas limitadas. (17)

Segundo Hoonart (18) existe uma relação entre a religião popular e o sistema de repressão exercida por ocasião de levantes e insurreições que deixaram na consciência coletiva, traumas profundos. Neste caso, o povo se lembra que a revolta direta contra os dominadores leva a morte e que não há possibilidade de libertação, então se interioriza este medo através da religião e a partir daí formar-se a cultura popular, por consequência das experiências de repressão.

Diante deste contexto notamos a presença do catolicismo popular no panorama medieval onde a representação mítica/ mística da Virgem de Lorena (Joana D'Arc) entre os séculos XIV e XVI na Baixa Idade Média, contempla-se um momento em que a população sucumbia as misérias proporcionada pela fome, peste e guerras. É neste contexto que Joana representou da fé popular cristã que trouxe um sentimento de esperança e nacionalidade.

Joana D'Arc, “para os franceses, representou a França o desejo do povo, a vontade divina. Assim como se acreditava que a Virgem Maria reparou o pecado de Eva, os franceses confiavam numa profecia popular da época, na qual se dizia que o reino seria entregue, aos inimigos por causa de uma mulher e libertado por uma viagem”. (19).

Com base no cenário citado acima, Carmem Cinira Macedo nos coloca o seguinte discurso, onde cedo ou tarde sentimos e desejamos a presença de algo mais. E este “algo mais”, é o sagrado entre nós. Observamos que todo comportamento humano envolve representações que na vida em sociedade são produzidos conjuntos ou sistemas explicativos que servem como modelos para a conduta.

Joana D'Arc, foi um personagem que rompeu todos os modelos de conduta, quando se propôs a executar sua missão, impondo sua presença a Carlos VII; posteriormente liderando o exército francês, cortando os cabelos e por fim conduzindo o delfim até Reims para coroá-lo rei da França. Muitos estudiosos questionaram a sanidade mental de Joana, mas o fato é que ela realizou grandes proezas, como ir ao encontro Sr. Robert, uma simples campanha, para que ele a levasse

até Delfim, ao promover a unidade do povoado de Lorena para que juntos constituíssem uma defesa contra os ingleses, abrigado assim todos os refugiados e aqueles que quisessem se unir a causa, buscando libertar a França dos ingleses e a coragem que teve em percorrer o campo de batalha correndo risco de ser capturada ou morta com a finalidade de chegar a sua audiência com o Delfim, promovendo a fé junto aos seus companheiros de viagem que a seguiram até o fim. Não podemos deixar de mencionar a transformação que Joana sofreu antes de chegar a Orléans. Por ser mulher precisou igualar a eles para ser aceita, então cortou seus cabelos, usou vestes de homem e aprendeu a combater devido as circunstâncias. Estes acontecimentos impulsionaram Joana D'Arc para além de seu tempo, pois se tratava de uma "mulher", haja vista que as mulheres viviam numa sociedade patriarcal, onde tudo lhe era negado. Seja pela fé, razão ou loucura é irrefutável a sua atuação na "Guerra dos Cem Anos" e o reflexo gerado na sociedade.

Contudo, é importante expor o olhar do homem moderno, pois este tende a resistir ou a sentir-se mal diante de tantas formas de manifestações do sagrado, mas por outro lado encontramos um cenário social mais humilde e sensível a presença do sagrado. A questão da contribuição do catolicismo popular está anexa a um conjunto de misérias, fome, resistências, esperanças, fé e cansaços do dia-a-dia.

A Idade Média é um berço repleto de experiências místicas/ míticas difundidas através das organizações eclesíásticas e pelos diversos aspectos da cultura popular.

Assim. Nos fins da Idade Média, pode-se notar uma concepção ultra-realista da fé popular em tudo o que se relaciona com os santos. Tinham-se estes se tornado tão reais e tão familiares na religião corrente que se encontravam ligados aos mais superficiais impulsos religiosos. Enquanto aprofunda a devoção se encontrava ainda centrada em Cristo e sua Mãe, uma multidão de crendices e fantasias enxameava em volta dos santos. Tudo contribuía para se tornar familiares e quase vivos. Vestiam-se com trajes populares, todos os dias se encontravam os "senhores" S. Roque e S. Jaime nas pessoas vivas dos peregrinos e doentes (20).

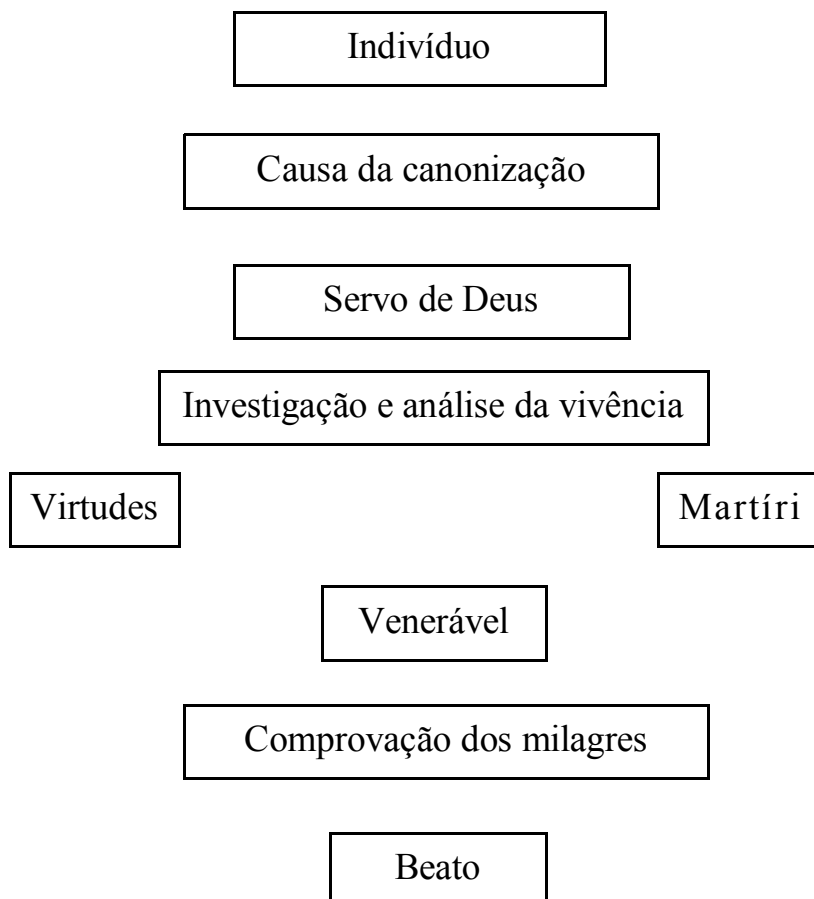
Huizinga discute a influência que os santos exerciam, pois a figura do sagrado compartilhava do cotidiano popular e eclesíástico. É importante ressaltar que estes mencionados na citação acima são santos canonizados, ou seja, foram submetidos ao processo canônico administrado pela Igreja Católica. No entanto, Joana D'Arc fazia parte do rol dos santos popularizados pelos franceses durante a "Guerra dos Cem Anos", só após a sua morte num período de quase 500 anos é Joana foi canonizada por leão XIII como a "Donzela de Orleans".

É preciso destacar que o processo de canonização ou causa da canonização atribuí ao indivíduo, impetrado ao recurso/ processo o canônico de santo, por sua vez, este título só é concedido após algumas etapas que concorrem da seguinte forma/ maneira; o primeiro passo é introduzir a causa de canonização e conseqüentemente a pessoa recebe o título de “Servo de Deus”.

O segundo é o título de “Venerável” que é facultado após a conclusão das investigações e análises da vivência do indivíduo. Então este é aclamado pelas “virtudes cristãs de forma heróica, que lhe é atribuída através do Decreto da veracidade das Virtudes”, ou por meio do martírio (quem sofreu torturas ou a morte, por sustentar a fé cristã) para esse tipo de situação segue-se conforme a análises das virtudes (fé, esperança e caridade), então é outorgado um “Decreto sobre o Martírio”. Estas são as duas formas pelas quais se pode conceder o título de “Venerável”.

O terceiro título é o de “Beato” que consiste na comprovação/ existência de um milagre obtido pela intercessão do indivíduo, como esse título à pessoa pode ser cultuada em sua região com a autorização eclesial. E por último e mais importante é o de “Santo” que será titulado após a aprovação/ comprovação do segundo milagre, depois da beatificação.

Estrutura do processo de canonização:



Aprovação do 2º milagre

Santo

Tendo em vista as considerações descritas é importante ressaltar que a dimensão do sagrado é composta por segmentos populares que acabam compartilhando o espaço

Notas

- 1 MACEDO, Carmem Cinira. *Imagem do Eterno: religiões no Brasil*. São Paulo: Moderna, 1989. p. 16-17.
- 2 MACEDO, José Rivair. *A Mulher na Idade Média*. 4. ed., São Paulo: Contexto, 1999. p. 90.
- 3 *ibidem*, p. 87–90.
- 4 VERÍSSIMO, Erico. *A Vida de Joana D'Arc*. Rio de Janeiro/Porto Alegre: Globo, 1981.
- 5 *ibidem*, p. 19.
- 6 MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. 4. ed., São Paulo: Contexto, 1999. p. 87.
- 7 TAVARES, Juliana. A Santa Guerreira. **Revista Aventuras na História**. São Paulo, nº 8, 2005. p. 38.
- 8 MACEDO, José Rivair. *A Mulher na Idade Média*. 4. ed., São Paulo: Contexto, 1999. p. 87.
- 9 GRIMBERG, Carl. *O Fim da Idade Média*. História Universal. v.13. Santiago (Chile): Europa América, 1989. p. 3.
- 10 BATISTA, Jônatas Neto. *História da Baixa Idade Média (1066 – 1453)*. São Paulo: Ática, 1989. p. 194.
- 11 TAVARES, Juliana. A Santa Guerreira. *Revista Aventuras na História*. São Paulo, nº 8, 2005. p. 40.
- 12 MACEDO, José Rivair. *A Mulher na Idade Média*. 4. ed., São Paulo: Contexto, 1999. p. 87.
- 13 *idem*.
- 14 TAVARES, Juliana. A Santa Guerreira. *Revista Aventuras na História*. São Paulo, nº 8, 2005. p. 40.
- 15 BATISTA, Jônatas Neto. *História da Baixa Idade Média (1066 – 1453)*. São Paulo: Ática, 1989. p. 197.
- 16 FRANCO, Hilário Júnior. *A Idade Média: nascimento do ocidente*. 5. ed. São Paulo: brasiliense, 1996. p. 15.
- 17 VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: séculos VIII a XIII*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 22.
- 18 HOONAERT, Eduardo. *Formação do Catolicismo Brasileiro: 1500 – 1800*. Petrópolis: Vozes, 1974.
- 19 MACEDO, José Rivair. *A Mulher na Idade Média*. 4. ed., São Paulo: Contexto, 1999. p. 90.
- 20 HUIZINGA, Johan. *O Declínio da Idade Média*. Lisboa: Ulissea, 1996. p. 174.